

México: de La Madrid fala em vitória.

Apesar de sua grave e ampla crise, o México conseguiu preservar a paz social e a liberdade. Este foi, segundo o presidente mexicano Miguel de La Madrid, um dos principais resultados de seus nove meses de governo, dos quais ele apresentou ontem, no Congresso Nacional, um detalhado balanço, transmitido pela televisão para todo o país.

Em seu primeiro informe sobre as atividades do governo, que ocupou 126 páginas, de La Madrid assinalou que, "enquanto em outras latitudes se responde à crise com autoritarismo, o México pode ufanar-se de preservar seu sistema de liberdades individuais e direitos sociais".

— Reconhecemos que a paz social, em nosso país, não é plena nem perfeita, que existem fenômenos que a ameaçam e eventualmente a interrompem, em ocasiões isoladas. Contudo, o México, afortunadamente, se manteve alheio à tônica generalizada de violência e desordem

De La Madrid reconheceu também que a crise econômica vivida por seu país "ainda está presente", ainda que já não se esteja agravando. Segundo ele, "não há opção: o inimigo a vencer é a inflação, porque gastamos mais do que tínhamos".

Ele afirmou que o desafio econômico de seu país é "análogo aos de tempos e tempos de guerra. O destino da nação está em jogo". Prevenindo os mexicanos para não "baixarem a guarda" e afirmando que seu governo deixou de lado "triunfalismos prematuros", de La Madrid descreveu os efeitos da crise: "O aumento dos preços debilita o nível de vida; as donas-de-

casa se angustiam diante da persistência da inflação; continuam as dificuldades das empresas; o crédito é caro; não estamos gerando novos empregos; o serviço da dívida é muito pesado; não temos divisas suficientes para importar; nos custa muito corrigir as finanças públicas e privadas".

O presidente mexicano disse que o exercício do poder em tempos críticos "obriga a tomar medidas às vezes amargas e duras, mas necessárias". Ao defender seu programa de austeridade, ele lembrou que o combate à crise exigia "um ajuste econômico drástico, que inevitavelmente teria um custo social".

Depois, de La Madrid anunciou um exíguo aumento de salários para os funcionários do Estado — 3 mil pesos mensais (20 dólares) —, e disse que o país terá de importar este ano 8,5 milhões de toneladas de milho, sorgo e soja, porque a produção mexicana é insuficiente, embora se estime que a safra dos principais produtos básicos deverá ser de 27,5 milhões de toneladas.

Com tudo isso, uma das poucas boas notícias que de La Madrid pôde dar se referia à recuperação do prestígio do país no exterior, "que estava seriamente prejudicado", e ao fato de que o México só precisará de 5 bilhões de dólares em empréstimos este ano, contra os 19,6 bilhões de 1981.

Por fim, ele justificou o controle salarial, dizendo que "medidas gerais e indiscriminadas" de aumentos de salários, com ajustes automáticos entre preços e salários, "só levariam a uma perpetuação da inflação".